

EDIFÍCIO VITÓRIA: ESPAÇOS DISCURSIVOS

Héllen Nívia Tiago¹

RESUMO

Neste trabalho propusemos evidenciar os espaços no romance *1984*, de George Orwell, com foco no Edifício Vitória, moradia do personagem principal, Winston Smith. Para tanto, nos apoiaremos nos pressupostos teóricos de Oziris Borges Filho, desenvolvidas em *Espaço & Literatura* e nos escritos de Michel Foucault acerca de espaço heterotópico, trabalhado em *Outros Espaços in Ditos e Escritos III*. Trataremos do espaço instaurado na obra literária *1984*, como um espaço heterotópico no qual discursividades são instauradas, pois entendemos que estudar o espaço, emaranhando tais elementos, é compreender a dinâmica socioespacial do lugar ocupado e a submissão de práticas, que residem e reconfiguram o indivíduo na obra de Orwell.

INTRODUÇÃO

O espaço opressivo parece predominar nos romances contemporâneos. Por vezes, faz gerar ódio ou revolta no coração duma personagem. (BOURNEUF e OUELLET, 1976, p. 19)

O espaço pode ser tratado sob diversos vieses, há uma diversidade de conceitos que este implica. Um próprio texto na sua textualidade como corpo ou visibilidade da leitura, configura o espaço da linguagem. O contexto sócio-histórico cultural, envolve enunciações e discursos, situados em determinados momentos históricos, que possibilita a articulação de espaço relativo ao texto literário.

O poder que sugere o espaço institucional, o espaço social, espaço natural, espaços de disputas (denominados territórios), enfim, são diversas acepções de espaços, que às vezes, podem nos levar ao erro, se empregadas de formas inadequadas.

O romance *1984*, publicado em 1949 por George Orwell, retrata uma sociedade totalitária, *1984*. Se passa na Inglaterra, quando a nação se encontrava dividida em três grandes potências: Oceania, Eurásia e Lestásia. Oceania- o maior dos impérios, governa toda a Oceania, América, Islândia, Reino Unido, Irlanda e grande parte do sul

¹ Licenciada em Letras Português-Inglês e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual de Goiás- UnU de Pires do Rio e Mestranda do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal de Goiás- Campus Catalão. E-mail: hellennivia@hotmail.com

da África; Eurásia - o segundo maior império, governa toda a Europa (exceto Islândia, Reino Unido e Irlanda), quase toda a Rússia e pequena parte do resto da Ásia; e Lestásia - o menor império, governa países orientais como China, Japão, Coreia, parte da Índia e algumas nações vizinhas. A obra *1984*, escrita por George Orwell, retrata uma sociedade em que o Estado se impõe sobre todas as instâncias sociais, influencia a história do povo e seu passado, desenvolve um novo idioma, além de oprimir e torturar os indivíduos que lutam, de qualquer forma, contra o regime instaurado.

Enfim, o espaço tem forte influência nos posicionamentos dos personagens e é peça fundamental para a constituição identitária destes.

Há espaços que são mais que importantes para estruturarmos nossa análise e compreendermos a relação espaço/personagem. Dentre eles temos o Edifício Vitória, residência de Winston, conforme propõe Bachelard (1989) “Porque a casa é nosso canto no mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo” (p.24), e nessa perspectiva o espaço da “casa” de Winston Smith, será nosso foco de análise.

OBJETIVOS

Temos como objetivo maior, evidenciar os espaços em que Winston (o personagem do romance) está inserido, enfatizando o apartamento onde reside e verificar quais as implicações deste(s) em sua posição social e comportamental, contribuindo assim para a fortuna crítica do autor e para os estudos literários.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada é a análise e interpretação do *corpus*, assim como, o estudo e imbricamento do espaço.

Ao tratarmos de espaços iremos considerá-lo como tridimensional, ou seja, será tomado como concepção de espaço concreto, composto de altura, largura e profundidade, e como subjetivo, ou seja, o espaço construído pelo imaginário do sujeito, como constituinte de objetos externos. Assim, analisaremos o espaço a partir da relação entre os objetos que o compõe com os personagens, visando a reflexão a partir da realidade, que depende de quem a interpreta.

Para tanto, utilizaremos da subjetividade do espaço, conforme proposto por Borges Filho e outros teóricos como Bauman (1997) "captamos o espaço físico

intelectualmente com a ajuda de noções que se cunharam originalmente para 'mapear' qualitativamente relações diversificadas com outros homens" (p.168), demonstrando assim a exterioridade própria do espaço e a sua intervenção em nossa constituição.

ANÁLISE

O espaço no qual Winston reside é o Edifício Vitória, e nos estudos de toponímia, podemos denominá-lo como antroponímia, ou seja, nome de lugar proveniente de nome de pessoas. Ao analisarmos o signo Edifício Vitória, o "Vitória" é um topônimo, pois as características que se quer imprimir com a nomeação é o valor semântico do substantivo em questão, característica de dominação, daquele que vence. Em 1984, essa temática é muito evidente, impõe conquista e por conseguinte poder. Um topônimo também é utilizado para reforçar uma ideia, uma máxima, fazendo com que ao ver a inscrição "Edifício Vitória" o povo internalize que foi vencido e deve subserviência. Além disso, outra hipótese é que a Vitória vem do controle que garante uma atmosfera segura, que manteria a integridade dos cidadãos. E é nesse edifício que se concentram aqueles que lutam por esta vitória. Ao analisarmos o signo Vitória, podemos verificar a incidência das relações de poder, no sentido de vitória do Partido sobre a população, o Partido domina, vence e prevalece.

O Edifício Vitória era um prédio antigo, dotado de tele-telas e cartazes com os dizeres "O Grande Irmão está olhando por você". Esses cartazes traziam rostos do Grande Irmão e servia de ferramenta para o controle e docilização dos povos. A população era vigiada e impregnada de ideologia partidária, impedindo-os assim de qualquer manifestação de liberdade, como em:

Qualquer barulho que Winston fizesse, mais alto que um cochicho, seria captado pelo aparelho; além do mais, enquanto permanecesse no campo de visão da placa metálica, poderia ser visto também. Naturalmente, não havia jeito de determinar se, num dado momento, o cidadão estava sendo vigiado ou não. Impossível saber com que frequência, ou que periodicidade, a Polícia do Pensamento ligava para a casa deste ou daquele indivíduo. Era concebível, mesmo, que observasse todo mundo ao mesmo tempo. A realidade é que podia ligar determinada linha, no momento que desejasse. Tinha-se que viver - e vivia-se por hábito transformado em instinto na suposição de que cada som era ouvido e cada movimento examinado, salvo quando feito no escuro. (ORWELL, 1948, p.01)

Podemos exemplificar o quão o espaço apresentado em *1984* era opressivo e limitador. Winston sentia-se, como os demais, coagido, não era permitido falar, gesticular, nem se quer pensar sem ser vigiado pelas tele-telas e microfones, distribuídos estrategicamente por todos os lugares.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Podemos verificar no romance analisado, que o espaço em que Winston se insere é fundamental para sua constituição identitária uma vez que o espaço é o resultado e a condição da totalidade das relações sociais, é um atravessamento de modos de relação e de sociabilidade, alguns deles pré-determinados, mas a possibilidade está sempre presente como resistência e não-aceitação do que é dado. O espaço é atravessado pela subjetividade, atravessada por nossos significados, afetos, por aquilo que construímos dele/nele. Sendo assim, não poderíamos deixar de utilizar da subjetividade do espaço para aplicar na análise de nosso *corpus* de estudo, uma vez que o espaço atravessa a constituição do personagem constituindo-o. E não poderia ser diferente na obra de Orwell, onde o espaço hostiliza e é um dos fatores que intervêm na “recodificação” do personagem Winston Smith.

Cabe aqui evidenciar o espaço que surge no seio de uma nação totalitária e o espaço institucional (da prisão). Para tal abordaremos esses espaços segundo o postulado foucaultiano das heterotopias.

Consideramos o totalitarismo aplicado em *1984*, como um espaço de interdição, pois os personagens ali inseridos perdem o direito à voz e o direito de se expressar.

É válido ressaltar que o partido não proibia a expressão, pelo contrário, apoiavam a expressão e glorificação contra Goldstein e a favor do Big Brother. Não havia proibições, porém todos se sentiam coagidos, pois sabiam se fizessem algo, como se revoltar, mesmo que em pensamento, seriam presos e torturados, como podemos observam no recorte abaixo:

Não o fez, contudo, porque sabia ser inútil. Quer escrevesse ABAIXO O GRANDE IRMÃO ou não, não fazia diferença. Quer continuasse o diário, quer parasse, não fazia diferença. A Polícia do Pensamento o apanharia do mesmo modo. Cometera - e teria cometido, nem que não levasse a pena ao papel - o crime essencial, que em si continha todos os outros. Crimidéia, chamava-se. O crimidéia não era coisa que pudesse ocultar. Podia-se escapar com êxito algum tempo, anos até, porém mais cedo ou mais tarde pegavam o criminoso. (ORWELL, 1948, p.6)

O simples fato de pensar contra o partido comprometeria o indivíduo. Não eram feitas proibições, mas as ideologias do IngSoc permeavam todos os espaços. Desde pequenos os indivíduos eram “treinados” a obedecer, e a não se rebelar contra o estipulado.

Podemos tomar o espaço na obra como heterotópico, ou seja, um espaço concreto no qual todas as representações se encontrariam presentes, causando contestações, fragmentações e inversões de regras devido aos seus conflitos. Todas as heterotopias tem uma função precisa e determinada (de evasão, de resistência, de desvio, de compensação, de acumulação do tempo, etc.) que, no entanto, varia conforme o momento histórico e a cultura em que estão inseridos. A heterotopia evidenciada em *1984* é justamente a que funciona como resistência, a heterotopia de crise passa para a de desvio, remetendo ao desvio da norma, o espaço é tomado pelo partido e os “controlados” são subordinados aos espaços travados pelo poder controlador.

CONCLUSÕES

Embora tenhamos apresentado um recorte superficial da obra, podemos evidenciar alguns dos espaços, assim como os efeitos de sentido que deles emergem, engendrando as relações de poder da obra.

Nossas ideias, aqui expressas, tem a função de dar início a uma inquietação e possível questionamento sobre nosso atuar/habitar no mundo. É possível nos questionarmos sobre o espaço que ocupamos e/ou gostaríamos de ocupar, como nos diz Foucault “É inútil revoltar-se”? Neste sentido, esta reflexão sobre espaço, tendo a heterotopia e outros conceitos literários e linguísticos como ponto de apoio, tem a pretensão da abertura, a indicação de um caminho possível para tentarmos entender nossa relação com o mundo e, talvez, entender o que ainda nos permite evidenciar as possíveis amarras do poder implicadas na nossa constituição. Gostaríamos de concluir esse breve artigo com uma leitura “espacial” que caberia bem repeti-la, “o que permite um signo ser signo não é o tempo, mas o espaço” (FOUCAULT, 2000. P.168), uma vez fixada a necessidade de estudá-lo, além do tempo.

REFERÊNCIAS:

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 2007.

BOURNEF, Roland e OUELLET, Réal. *O universe do romance*. Coimbra: Almedina, 1976.

BORGES FILHO, Ozíris. *Espaço e Literatura: introdução à Topoanálise*. São Paulo: Riberão Gráfica e Editora, 2007.

FOUCAULT, Michel. *Outros espaços*. In: *Ditos e Escritos III-Estética, Literatura e Pintura, Música e Cinema*. -2. ed.- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. P. 411-422.

_____, Michel. *É inútil revoltar-se*. In: *Ditos e Escritos V- Ética, Sexualidade, Política*. - 2. ed.- Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. P. 77-82.

ORWELL, George. 1984. Tradução de Wilson Velozo -29ª ed- São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.